

Corpos em trabalho, trabalho de corpos: As meninas francesas nos cursos de formação "técnica industrial"

Corps au travail, travail des corps: les filles françaises dans des orientations scolaires «techniques industrielles»¹

Recebido: 22/04/2022 | **Revisado:** 23/04/2022 | **Aceito:** 25/04/2022 | **Publicado:** 10/05/2022

Julie Thomas
ORCID : <http://orcid.org/0000-0003-1718-4144>
Université Jean Monnet
E-mail: julie.thomas@univ-st-etienne.fr

Como citar : THOMAS, Julie. Corps au travail, travail des corps : les filles françaises dans des orientations scolaires « techniques industrielles ». **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 1, n. 22, p. 1-13, e13907, Maio. 2022. ISSN 2447-1801.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Unported License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo

Este trabalho tem como objeto de estudo os corpos de jovens meninas francesas estudantes de cursos de educação profissional industrial, ou seja, de especialidades "masculinas". Mais especificamente, apresento minhas pesquisas relacionadas às mudanças nas práticas dessas meninas, direcionando minhas análises para os corpos e a aparência, para seus discursos, assim como para os discursos de seu ambiente familiar e escolar. Observamos que é desde o momento da entrada na educação profissional que os corpos dessas meninas são colocados à prova, tanto por meio da socialização profissional quanto pelos modos masculinos de socialização dessas "casas de homens". Três tipos de movimentos foram identificados: a ausência de modificação da aparência, a "neutralização" e a feminização. Os efeitos da dominação masculina, simbólica ou até mesmo física, vão além dos arranjos entre os sexos no decorrer de suas interações, para se inserir de forma mais duradoura nos corpos e reativar as representações tradicionais.

Palavras-chave: Educação profissional francesa; Técnicas industriais; Gênero; Corpo.

Résumé

Ce travail s'intéresse aux corps de jeunes françaises s'engageant dans des formations professionnelles industrielles, c'est-à-dire des spécialités « masculines ». Plus exactement, j'y retrace mes analyses relatives aux évolutions de leurs pratiques se rapportant au corps et à l'apparence, et leurs discours, ainsi que ceux de leur entourage familial et scolaire. On peut y voir que c'est dès le moment de l'entrée dans la formation professionnalisante que le corps des filles est mis à l'épreuve, à la fois par la socialisation professionnelle mais aussi par les modes de sociabilités masculins de ces « maisons des hommes ». Trois types d'évolution ont été dégagés : l'absence de modifications de l'apparence, la « neutralisation » et la féminisation. Les effets de la domination masculine, symbolique voire physique, dépassent l'arrangement entre les sexes au cours des interactions pour s'inscrire plus durablement dans les corps et réactiver les représentations traditionnelles.

Mots clés: Éducation professionnelle française. techniques industrielles. genre. corps.

¹ Este artigo é uma versão revisada do capítulo "Corps au travail, travail des corps: les filles dans des orientations scolaires "techniques"", em RAGGI, Pascal ; KNITTEL, Fabien (dir.), Genre et techniques. XIXe-XXIe siècle, Presses universitaires de Rennes, 2013.

1 GÊNERO, TREINAMENTO TÉCNICO, CORPO: UM INTERESSE TEÓRICO

A grande maioria dos estudos franceses sobre gênero enfatiza a estruturação permanente do espaço social de acordo com o sexo, referindo-se à ordem simbólica de gênero que tradicionalmente atribui cuidado das mulheres a estética, e o 'humano' aos homens, a tecnologia e, mais geralmente, coisas materiais e força física (BENELLI; MODAK, 2010; CHABAUD-RYCHTER, GARDEY, 2002; LOWY, 2006; TABET, 1998). Em uma espécie de causalidade circular, a hegemonia numérica dos homens em ocupações que exigem atributos simbolicamente 'masculinos' tende a reforçar a 'evidência' do caráter 'naturalmente' masculino das habilidades, particularmente no manuseio de objetos, e dos atributos, particularmente a força física, considerados necessários nessas ocupações². Neste contexto, na França como em outros lugares, as meninas que escolhem uma carreira escolar 'técnica industrial' (ou comumente chamada de tal³) fazem uma escolha escolar 'atípica' em relação às normas tradicionais de gênero, e se encontram efetivamente em um universo masculino.

Nesta contribuição, o foco será mais especificamente no que a inserção em tal curso de treinamento produz sobre as jovens mulheres francesas - em particular o que ele faz a seus corpos (GIANETTONI, 2010; LEMARCHANT, 2008). De fato, o corpo e suas "técnicas" são construções sociais, no centro dos processos de socialização e das relações de poder (MAUSS, 1950). O uso do corpo é a priori central para a socialização acadêmica e profissional dos cursos técnicos industriais, particularmente nos níveis mais baixos de formação: as disciplinas profissionais (na oficina) nestas seções envolvem concretamente o corpo (muito mais do que os cursos masculinos mais "teóricos", como as ciências da engenharia) e são considerados como exigindo força física, reunindo as características geralmente atribuídas a uma forma ocidental popular de "masculinidade hegemônica" (CONNELL, 2005).

Entretanto, os usos do corpo que são valorizados profissionalmente nesses mundos específicos, e as crenças sobre os corpos que ali são transmitidos, são particularmente marcados pelo gênero, e deveriam desqualificar as mulheres e meninas que entram neles. De modo mais geral, o corpo está no centro do processo de reprodução de gênero (GUILLAUMIN, 1992). Neste contexto, a hipótese da centralidade do corpo para meninas que entram em um curso de treinamento técnico masculino mereceu consideração. Que tipo(s) de "trabalho de autotransformação" (DARMON, 2003) este compromisso provoca? Que discursos são veiculados durante as interações dentro e fora dos cursos técnicos sobre os corpos sexuados?

Os dados utilizados aqui são baseados em trabalhos empíricos realizados entre 2005 e 2010 para minha tese (THOMAS, 2010), consistindo em 21 entrevistas biográficas com meninas inseridas em especialidades escolares atípicas para

² Quando falo de uma atividade 'feminina' ou 'masculina', vou me referir sistematicamente à construção social desta hegemonia simbólica e digital.

³ Ou seja, um curso de estudo em uma especialidade de 'tecnologia industrial' da via profissional (Certificat d'Aptitudes Professionnelles - CAP, Brevet d'Études Professionnelles - BEP, Baccalauréat professionnel) ou da via tecnológica (Baccalauréat 'Sciences et Techniques Industrielles' - STI) ou da via tecnológica superior (Brevet de Technicien Supérieur - BTS, Diplôme Universitaire de Technologie - DUT); ou uma opção da via geral como a das Ciências da Engenharia no Baccalauréat Général Scientifique (bac S SI). Todas essas diferentes vias e seções foram levadas em conta na pesquisa (pesquisas por questionário, n=269, por entrevista, n=21, e por observação; ver abaixo).

meninas, tais como mecânica, construção ou eletrotécnica, escolhidas por seus perfis diferenciados do ponto de vista acadêmico e social⁴, de um ano de observação direta em uma escola secundária profissional industrial, e de sequências de observação em duas escolas secundárias gerais e tecnológicas. Aqui foram analisadas as observações e discursos coletados sobre a questão do corpo e, mais amplamente, da aparência. Por aparência, entendemos tanto "o corpo quanto os objetos usados pelo corpo"; atitudes corporais ("posturas, expressões, mímicas"), características físicas assim como "atributos (vestuário, penteado, acessórios)" (DUFLOS-PRIOU, 1981).

2 CORPOS DE MULHERES SOB O TESTE DA SOCIALIZAÇÃO TÉCNICA INDUSTRIAL PROFISSIONAL

Os discursos que aproximam o corpo e a tecnicidade das atividades, e as práticas observadas nos diversos estabelecimentos de ensino⁵, sempre convocam rapidamente, de forma implícita ou não, a explicação pelo sexo dos usuários. Gênero é a grade de leitura primária para habilidades, dificuldades, esforços a serem feitos etc. Quase todos os atores enfatizam regularmente que a própria "natureza" das meninas - ou seja, seu físico "não está realmente adaptado" a situações e ferramentas, sua apetência menos acentuada por elas, seu desgosto por se "sujar" colocando-se no chão ou "mãos sujas" – o que coloca um problema nestas formações.

Mesmo os autores em favor de um maior acesso das meninas a campos de estudo dominados pelos homens apresentam argumentos diferencialistas e essencialistas - um resultado frequentemente sublinhado por estudos que lidam com as "habilidades" consideradas femininas e masculinas em um contexto misto⁶. Diz-se que as meninas têm qualidades "diferentes" dos meninos, para serem mais cooperantes, mais "calmas", mais "sérias", mais "precisas"... Um professor disse, com relação ao engaste e ao trabalho de montagem de componentes em motores: "*Na verdade, os meninos o fazem ainda menos bem que as meninas (...) é um trabalho meticuloso [em outro ponto ele falou das "mãos pequenas" das meninas]*". Neste contexto, as meninas teriam menos dificuldade, pelo menos no início, já que são, naturalmente, mais meticulosas. Ele acrescenta: "*Mas se você aprende fazendo isso, você se apodera dele. Não é ponto de costura ou costura transversal. É um pouco como andar de bicicleta, no início você não sabe realmente como andar (...)*". Este trecho de um discurso é indicativo das representações integradas pela maioria do corpo docente. Ao mesmo tempo, reúne técnicas industriais e esportivas, que contrasta com o trabalho manual das mulheres; e declara implicitamente que as primeiras são adquiridas e masculinas, e as segundas inatas e femininas.

Entretanto, as crenças na menor capacidade das meninas nos treinamentos e profissões técnicas, que a maioria dos atores que encontramos compartilham, são reforçadas na prática por ferramentas que não são adaptadas a "pessoas pequenas" ou a qualquer um que seja um pouco frágil e/ou pequeno (do que as mulheres são

⁴ Veja a tabela no final do capítulo que apresenta os entrevistados - os primeiros nomes foram mudados.

⁵ Os verbos reproduzidos abaixo em itálico são retirados da minha revista de campo de tese, que registra observações realizadas em 2006 e 2009 para as escolas secundárias 'polivalentes' (com seções gerais, tecnológicas e vocacionais) e durante o ano letivo 2008-2009 para a escola secundária industrial.

⁶ Por exemplo: FORTINO, Sabine. *La mixité au travail*. Paris, La Dispute, 2002.

mais frequentemente, estatisticamente). Portanto, podemos ver aqui uma causalidade circular do tipo "somente homens fortes podem fazer estes trabalhos, de modo que as ferramentas não precisam ser adaptadas a outros tipos de público, tão efetivamente as ferramentas só são facilmente utilizáveis por pessoas com grande força física", ainda que o progresso técnico tornaria facilmente possível aliviar e facilitar o uso destas ferramentas. Assim, a cosmologia incorporada pelos projetistas das ferramentas contribui para tornar as habilidades menos importantes 'reais' e 'naturais' e assim consolidar as crenças de todos os atores. Pode-se até argumentar, como C. Cockburn sobre a arbitrariedade da forma dessas ferramentas (tamanho, peso, material, dificuldade) que

« as unidades de trabalho (...) são politizadas por sua própria concepção. (...) Este poder político sobre o desenho de processos profissionais não lhes seria útil se os homens não desfrutassem de uma superioridade física média superior. Como resultado, a apropriação da produtividade física, por um lado, e o projeto de máquinas e processos, por outro, de modo convergente, muitas vezes, constituíram homens como aptos e mulheres como inaptas. Como todas as outras diferenças físicas, a diferença na força física média por gênero não é ilusória, é real. Se não for importante em si mesmo, é possível fazê-lo. Sua manipulação é um jogo de poder sociopolítico" (COCKBURN, 2004).

S. Gallioz já trouxe à luz as construções simbólicas em torno das práticas profissionais no setor da construção e a morfologia típica do trabalhador neste setor, e suas consequências tangíveis no trabalho - particularmente no que diz respeito às ferramentas (GALLIOZ, 2007). Durante minhas sequências de observação, pude observar o exemplo do alicate de corte utilizado nas especialidades de eletricidade e mecânica, que exigem mãos grandes e um "aperto" - às vezes difícil de usar também para os meninos observados - e podem incentivar uma divisão de trabalho baseada no gênero (as meninas fazendo o trabalho escrito ou observando, os meninos agindo). Quase todos os atores observados não colocam o problema do lado da ferramenta, mas do lado do gênero do usuário. Os meninos que têm dificuldade de usar a ferramenta são facilmente referidos por outros, ou mesmo pelo professor, como meninas - 'mulherzinha', 'garota' ou 'maricas' - ou são suspeitos de falta de virilidade, resumida pelo epíteto 'bicha' ou 'bicha'."SIC"

Apesar destas observações, o "trabalho" dos corpos dos entrevistados através da socialização técnica escolar, que deveria ser central antes de entrarem no campo, na verdade aparece muito pouco em seu discurso. Eles só mencionaram o envolvimento físico nas atividades escolares quando eu insisti nisso, e sem mencionar nenhuma mudança importante. E por uma boa razão. A maioria deles já experimentou, em casa ou com colegas do sexo masculino, as tarefas práticas que lhes são exigidas em sua formação profissional. Eles assumiram a "praticidade" e destreza que estes exigem, o conhecimento das ferramentas; e às vezes, para algumas, as *mãos "oleosas"* e o compromisso físico particular (carregar coisas pesadas, "*ficar debaixo do [seu] motor*"). As meninas entrevistadas nas orientações gerais e até mesmo tecnológicas tiveram poucas oportunidades de usar seus corpos de uma forma não tradicional - foi no nível teórico que elas tiveram que demonstrar habilidades 'masculinas'. Aquelas das orientações profissionalizantes geralmente integraram uma

corporalidade em idade precoce não representa um problema nas tarefas profissionais masculinas, mas muitas vezes, ao contrário, naquelas em que lhes é pedido que se mostrem femininas. Por outro lado, todos eles fazem a conexão, de uma forma ou de outra, entre o fato de que os campos de estudo em que estão envolvidos sejam povoados por meninos e o controle social que ali é exercido, particularmente sobre seus corpos.

Neste sentido, o papel do vestuário obrigatório durante o curso na oficina é interessante. Durante as observações em várias seções diferentes com códigos de vestimenta mais ou menos exigentes, parecia que estes jogavam na coexistência mais ou menos difícil ou pacífica, pelo menos durante as aulas de oficina, entre os dois sexos. O "masculino neutro" (MOSCONI, 1989) das botas de trabalho e sapatos de segurança no MEI, ao mascarar mais os corpos e prevenir possíveis erotizações, parece favorecer mais a pacificação das relações entre os sexos durante o curso do que o uso de roupas civis ou mesmo a blusa usada em eletrotécnica. No entanto, uma professora disse que a utilizou para fins de "neutralização" (LAUFER, 1988). Ela me confidenciou que depois de sua primeira semana de aulas, quando descobriu que os meninos estavam mais interessados em "[suas] formas" do que no conteúdo de suas aulas, ela tinha decidido comprar um jaleco: "Era isso! Quero dizer, depois eles realmente me viram como uma professora e não como... bem, (...) não como uma mulher, mas como uma professora". Mas as mudanças em sua apresentação corporal, conscientes ou não, muitas vezes vão além desta estratégia contextual.

3 A APARÊNCIA DAS MENINAS TESTADA POR ESTAS “CASAS DE HOMENS”»

A pesquisa de campo também possibilitou apontar o que as orientações técnicas fazem com as meninas, como verdadeiras “casas-para-homens” (GODELIER, 1982). O que elas fazem, sobretudo, ao seu corpo, lugar privilegiado de controle social, fora do exemplo específico das aulas oficinais. Interessou-me particularmente os métodos de interação com os demais atores e as ligações que estes poderiam manter com as evoluções mais ou menos importantes de sua aparência. Três tipos de evolução foram identificados a partir da análise das entrevistas e sequências de observação: “neutralização” (LAUFER, 1982), feminização e ausência de mudanças na aparência. Essas evoluções estão ligadas tanto à relação com o corpo incorporado desde a infância, quanto ao estado das relações sociais de gênero no trabalho em suas diferentes seções.

3.1 NEUTRALIZAR

Assim, algumas meninas (oito de nossas entrevistadas) em treinamento técnico masculino começam a fazer sua aparência mais "neutra" do ponto de vista de gênero, para tornar invisível sua presença em suas aulas. Depois de passar algum tempo em sua seção, elas começam a considerar uma saia ou vestido, decotes baixos, joias cintilantes e maquiagem como "muito feminino". Gradualmente, elas começam a suprimir ou esconder os aspectos femininos de sua aparência, tanto física quanto em termos de vestuário. Algumas, ao contrário, feminizam muito ligeiramente

sua aparência a fim de se moverem para um estilo mais unissex: para Florença, a adoção de algumas (ligeiramente) roupas mais femininas permite que ela seja finalmente menos "vistosa" do que seu "maria-rapaz" anterior.

Entretanto, eles não adotam um estilo "masculino" (CLAIR, 2007) ou "viril" (PRUVOST, 2007), nem tinham um hexágono corporal⁷ particularmente "masculino" antes de sua orientação. Em sua infância, os princípios de socialização dos pais não os encorajam a incorporar uma aparência masculina⁸, mas se concentram no sucesso acadêmico. Neste contexto, elas são frequentemente investidas por seus pais com altas aspirações acadêmicas e profissionais⁹, e masculinas: mas, menos por seu caráter masculino como tal do que porque as profissões masculinas são geralmente mais valorizadas do que as mulheres. Também deve ser enfatizado que nenhuma delas foi socializada em práticas masculinas - e consideradas como tal - na infância, particularmente em grupos de pares masculinos; mas apenas em atividades 'técnicas' e/ou manipuladoras na esfera familiar¹⁰. Falaram-me de pequenos trabalhos como "perfurar" com seu pai ou irmão (especialmente vê-los fazer), de vez em quando, para Florença ou Gabrielle, consertar canetas para Carole, ou construir objetos em um contexto artístico - com adesivos, tintas etc. - para Beatrice.

As jovens que "neutralizam" dizem ter escolhido um emprego ou um setor, geralmente relativamente específico, devido a características particulares (técnicas); e de fato as atividades técnicas exigidas em sua formação geralmente não são fontes de dificuldades acadêmicas. Mas encontrar-se em universos quase exclusivamente masculinos na adolescência é muitas vezes vivenciado com bastante dificuldade, especialmente porque muitas vezes elas não estavam cientes dessa masculinização antes de sua orientação. A "neutralização" é então uma estratégia para destacar suas habilidades técnicas e limitar as observações e atos opressivos que podem sofrer por parte de seus colegas.

« Uma oficina de caldeiras, (...) você chega em jeans e sapatos... Isso é obrigatório! Sem saltos altos, porque senão você é um funcionário de secretariado" (Beatrice).

"É verdade que as poucas coisas femininas que eu gostava de usar [antes], eu evitava: saias, camisetas decotadas... Senão eu tinha direito a comentários o dia todo, ou a ser incomodada com "coisas infantis", tais como levantar a saia para ver o que estava embaixo. Isso vale para os decotes, que eles puxavam para ver o sutiã. (Gabrielle).

"Eu uso saias, mas necessariamente uso calças por baixo, uso tênis... (Hélène).

⁷ Entendido como a "forma de estar de pé, de carregar o próprio corpo, de se comportar". BOURDIEU, Pierre. **Le sens pratique**. Paris, Minuit, 1980.

⁸ Bastante encorajado a fazer esportes femininos ou mistos ao fazer exercício físico, por exemplo.

⁹ Tão alto quanto seus resultados escolares o permitam, em qualquer caso.

¹⁰ Devemos ter em mente aqui a "ilusão biográfica" que ameaça a releitura a posteriori de um curso de vida. Algumas mulheres voltam ao tempo que passaram com um membro masculino da família para encontrar uma lógica individual à sua escolha, embora muitas vezes expliquem depois que isso não aconteceu com muita frequência. Cf. BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, vol. 62, n°62-63, p. 69-72, 1986.

3.2 FEMENIZAR

Outras (seis das entrevistadas), progressivamente, optam por trajes cada vez mais femininos e adotam uma aparência e um comportamento em conformidade com o que se espera tradicionalmente de uma garota. Elas relatam ter sido "maria-rapazes" quando crianças; e participando de grupos de pares masculinos com os quais elas integraram fortemente a crença de que as atividades masculinas são mais valorizadas do que as femininas. Mas também experimentaram frequentemente injunções socializantes contraditórias, principalmente no nível físico, entre pai e mãe, por exemplo (como Laurence ou Isabelle), dependendo das atividades (Karen ou Joanna), ou após o nascimento de um irmão mais novo.

Assim, enquanto seu irmão não nasceu, Najet era o "menino que faltava" da irmandade (LAS VERGNAS, 1988), ela foi encorajada a se dedicar à mecânica, e começou a praticar boxe aos nove anos de idade: "No início, eles estavam em cima de mim, 'sim, você está fazendo boxe, estou tão feliz' (...) no início eles me encorajaram". Após o nascimento de seu irmão, os princípios socializadores se tornam mais heterogêneos, e ela se torna quase um "menino extra" (THOMAS, 2010): "Agora meu irmãozinho vai ao rúgbi, então é um pouco mais sobre ele, eu ... (...) eles não se importam". A heterogeneidade dos princípios de socialização influencia sua permeabilidade às restrições normativas de adaptação de sua aparência ao seu sexo biológico, que são reforçadas durante a adolescência.

Ecoando estes princípios contraditórios de socialização, o fato de estarem continuamente na presença de meninos todos os dias contribui para a evolução de sua aparência uma vez inseridas em uma corrente masculina. Estas jovens podem assegurar melhores relações com os meninos de sua classe e, muitas vezes, gozam de um certo crédito dos supervisores do ensino médio, à primeira vista. Entretanto, sua escolha de orientação é frequentemente julgada pela maioria dos atores com base em seu "gosto" (assumido ou não) pela sedução e não por atividades técnicas. Quando elas encontram dificuldades na escola, os motivos e a racionalidade de sua escolha escolar são questionados. Quando elas experimentam atos opressivos por parte dos meninos, é em última instância a assunção de sua responsabilidade que é invocada - sua apresentação feminina evoca necessariamente a sexualização dos relacionamentos. As jovens na via profissional são particularmente presas a essas dificuldades, por exemplo, observações ou insultos destinados a dar-lhes uma "reputação" de garotas fáceis (CLAIR, 2007).

Além disso, para todas as meninas deste grupo, a tarefa de conciliar suas disposições iniciais e posteriores nem sempre parece ser fácil, dadas as dificuldades objetivas e subjetivas que elas encontram para passar de um estilo "masculino" para um estilo "feminino". Karen explica:

« Eu sempre precisei de, não sei [...] me destacar [...] ser notada [...]. Nunca me encontrei completamente no meu estilo, no meu, bem, é uma impressão porque, finalmente, era meu de qualquer maneira. Mas eu sempre quis ser mais feminina do que era, mas ao mesmo tempo, quando eu estava lá, isso me incomodava, eu não me sentia confortável ».

3.3 NÃO MODIFICAR

Finalmente, a aparente ausência de mudança diz respeito àquelas (sete entrevistadas pelas mulheres) que incorporaram profundamente uma relação com o mundo, com os objetos e com o corpo tradicionalmente atribuído aos homens.

Para aquelas da via profissional, sua escolaridade atípica parece ser a única possível.

« Bem, como tenho um look um tanto "maria-rapaz" e que gosto de tudo o que tem a ver com esporte e trabalho, eu... Bem, não estou tentando me vangloriar, mas sou uma 'exibicionista', por assim dizer (...). E é por isso que [minha escolha escolar] está mais no campo dos meninos, de fato, porque cabeleireiro ou cuidados de beleza não seriam muito minha praia" (Romane).

Na verdade, elas veem os fatos de exercer uma profissão feminina como algo fisicamente impossível para elas - profissões que elas sempre consideram necessariamente inativas, e onde se teria que se vestir bem, estar bem arranjada, falar bem etc.

« Tenho que me mover (...) Não sei como as secretárias podem ficar sentadas em seus escritórios o dia todo sem fazer nada" (Odile).

"Não posso dizer [num tom deliberadamente ridículo] "Ah, vou ser secretária" e que isso é completamente impossível!

- (silêncio) Como isso é impossível?

- [quase irritada; ela mexe seu short com a mão] Bem, como há um critério, eu não sei! Você tem que, você tem que vestir saias, você tem que vestir isto, você tem que... tudo isso! ... Você tem que falar bem, e tudo! (Pauline).

Por outro lado, o lado técnico nem sempre é destacado como a principal razão pela qual elas escolheram estes cursos. Este é mais o caso para aquelas das orientações tecnológicas e gerais, que veem sua aparência masculina como abrindo possibilidades e permitindo-lhes entrar nestas correntes técnicas e masculinas. Assim, enquanto na conversa Isabelle afirma que são os meninos de sua classe que carregam as coisas pesadas para ela, uma reage em seu caso: "Não, não, eu não tive esse problema! [Elas riem]. Para mim, foram duas vigas de cada lado e vamos embora!

A vida diária em sua seção técnica também não é equivalente, dependendo da seção. Aquelas que entraram para uma seção tecnológica ou geral, mostrando qualidades classicamente consideradas masculinas (praticando um esporte de 'keum', falando sobre este esporte com os meninos, brincando sobre as meninas, etc., sem entrar em uma relação de sedução com os meninos de sua classe), e por vezes se tornando seus confidentes em seus assuntos do coração (permanecem, embora de forma secundária, meninas que podem entender suas namoradas um pouco melhor

do que elas), se descrevem como relativamente bem integradas ao grupo de classe. Por outro lado, aquelas da seção profissionalizante foram geralmente sujeitas a moralizar sobre sua aparência "anormal" aos olhos dos meninos (assim como a julgamentos bastante normativos por parte dos professores). Os ataques não então no terreno da heteronormatividade, mas mais no terreno em que elas estão tentando chegar - força física, por exemplo. Pauline, por exemplo, disse: "Eu tive que lutar com alguns meninos no início do ano, para me impor". Os episódios narrados onde elas tomam o partido de lutar fisicamente contra a pressão dos meninos não são raros.

4 CONCLUSÃO

C. Marry destaca o fato de que as mulheres francesas têm uma entrada mais fácil nas profissões mais elevadas em certos setores masculinos, devido ao menor comprometimento físico em comparação com outras ocupações nesses ramos (MARRY, 2007). Ela destaca assim os casos de delegadas de polícia e engenheiras, em dois ramos que exigem um domínio de ferramentas e às vezes força física. Esta observação deve ser estendida aos cursos de treinamento que podem levar a profissões científicas e técnicas, e pode ser enriquecida, me parece, pela análise realizada neste capítulo.

De fato, vimos que é a partir do momento do treinamento que os corpos das meninas "atípicas" são mais ou menos postos à prova, tanto pela socialização profissional como pelos modos de sociabilidade masculina ou mesmo "viril". dessas casas de homens" que constituem os setores técnicos industriais. Os efeitos da dominação masculina, simbólica ou mesmo física, vão além do arranjo entre os sexos durante as interações (especialmente porque estas são repetidas e normativas) para se tornarem mais duradouros nos corpos e, muitas vezes, reativar as representações tradicionais. As disposições de envolvimento corporal e manipulação técnica incorporadas na infância por meninas "atípicas" na escola lançam luz sobre o modo como elas vivenciam o compromisso neste mundo masculino durante a adolescência, e o modo como trabalham seus corpos uma vez inseridas no mundo masculino nessas vias técnicas.

Figura 1: Tabela de apresentação das entrevistadas

« Tipo »	Nomes	Seção
« Neutralizar sua	Agathe	Bac S SI
	Béatrice	Bac S SVT artes plásticas, DUT engenharia civil e licença profissional atualização para as normas de segurança dos edifícios
	Carole	STI eletrônica e CPGE TSI
	Daphné	STI em eletrônica, BTS em manutenção, depois licença pro para o ensino

aparência »	Estelle	STI eletrônica, e BTS técnico-comercial
	Florence	Ensino médio geral e opção Informática de Gestão e Comunicação .1ª STI eletrônica
	Gabrielle	Bac Mecânica STI & BTS, em reorientação BTS Contabilidade e Gestão de Organizações
	Hélène	Term STI eletrônica, e exército (no início do ano) ou direito...finalmente direito.
« Feminizar » sua aparência	Isabelle	1º ST2S; Bacharelado tecnológico em engenharia civil STI; BTS economia da Construção
	Joanna	3ª descoberta pro, 2º bac pro eletrotécnico
	Karen	Bac S em estudo-esporte; DUT em engenharia civil; Licença pro Gestão de obras
	Laurence	Ensino médio geral opção Informática e sistemas de produção 1ère STI Mecânica
	Myriam	BEP & Bac pro topografia, trancou no BTS
	Najet	BEP Manutenção de equipamentos industriais
Não mudar a aparência	Odile	BEP Manutenção de equipamentos industriais (e Bac pro e BTS depois da entrevista
	Pauline	2nde BEP eletrotecnica
	Romane	2nde BEP eletrotecnica
	Stéphanie	3ème découverte pro puis CAP métiers de l'automobile
	Tiphaine	2nde Opção geral Introdução às Ciências da Engenharia e 1ère S SI
	Uma	2nde Opção geral Introdução às ciências de engenharia e Informática e sistemas de produção; Bacharelado tecnológico em engenharia civil STI; 1º ano de BTS engenharia civil
	Valérie	Ensino médio geral ; 1ère STI eletrônica, depois Bac STI eletrotécnica ; BTS em eletrotecnica

Fonte : autor pessoal

REFERÊNCIAS

BENELLI, Natalie ; MODAK, Marianne. Analyser un objet invisible : le travail de care. **Revue française de sociologie**, vol. 1, n° 51, p. 39-60, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Le sens pratique**. Paris, Minuit, 1980.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, vol. 62, n°62-63, p. 69-72, 1986.

CHABAUD-RYCHTER, Danielle ; GARDEY, Delphine. (Dir.) **L'engendrement des choses : des hommes, des femmes et des techniques**. Paris, EAC éd., 2002.

CLAIR, Isabelle. Amours adolescentes. Dans des quartiers d'habitat social. **Sociétés et représentations**, vol. 24, n° 2, p. 145-160, 2007.

COCKBURN, Cynthia. Le matériel dans le pouvoir masculin. **Cahiers du genre**, vol.1, n° 36, p. 89-121, 2004.

CONNELL, Raewyn W. **Masculinities**. Berkeley/Los Angeles, University of California Press, 2005, 1er éd.1995.

DARMON, Muriel. **Devenir anorexique. Une approche sociologique**. Paris, La Découverte, 2003.

DUFLOS-PRIOU Marie-Thérèse. L'apparence individuelle et la représentation de la réalité humaine et des classes sociales. **Cahiers internationaux de sociologie**, n° LXX, p. 63-84, 1981.

FORTINO, Sabine. **La mixité au travail**. Paris, La Dispute, 2002.

GALLIOZ, Stéphanie. La féminisation des entreprises du bâtiment : le jeu paradoxal des stéréotypes de sexe. **Sociologies pratiques**, vol. 1, n° 14, p. 31-44, 2007.

GIANETTONI, Lavinia. Orientations professionnelles atypiques : transgression des normes de genre et effets identitaires, **Revue française de pédagogie**, vol 4, n°173, p. 41-50, 2010.

GODELIER, Maurice. **La production des grands hommes**. Paris, Fayard. 1982.

GUILLAUMIN, Colette. **Sexe, race et pratique du pouvoir**. Paris, Côté femmes éd., 1992

LAS VERGNAS, Isabelle. Contexte de socialisation primaire et choix d'une carrière scientifique chez les femmes. **Recherches féministes**. vol. 1, n°1, p. 31-45, 1988.

LAUFER, Jacqueline. **La Féminité neutralisée ? Les femmes cadres dans l'entreprise**. Paris, Flammarion, 1982. Je reviendrais sur ce terme dans la deuxième

partie.

LEMARCHANT, Clotilde. Unique en son genre... Orientations atypiques de lycéens et lycéennes au sein de filières techniques et professionnelles. In : GUICHARD-CLAUDIC, Yvonne ; KERGOAT, Danielle ; VILBROD, Alain (dir.), **L'inversion du genre. Quand les métiers masculins se conjuguent au féminin... et réciproquement**. Rennes, PUR, p. 57-69, 2008.

LOWY, Ilana. **L'emprise du genre. Masculinité, féminité, inégalité**. Paris, La Dispute, 2006.

MARRY, Catherine. Celles qui dérogent... in BAUDELLOT, Christian et ESTABLET, Roger (dir.). **Quoi de neuf chez les filles ? Entre stéréotypes et libertés**, Paris, Nathan, p. 123-28, 2007.

MAUSS, Marcel. **Sociologie et anthropologie**. Paris, PUF, 1968, 1^{er} éd. 1950.

MOSCONI, Nicole. **La mixité dans l'enseignement secondaire : un faux semblant ?** Paris, PUF, 1989.

PRUVOST, Geneviève. **Profession : policier. Sexe : féminin**. Paris, MSH éd., 2007.

TABET, Paola. **La construction sociale de l'inégalité des sexes : des outils et des corps**. Paris, L'Harmattan, 1998.

THOMAS, Julie. **Être une fille et s'engager dans une filière scolaire de garçons : la place des activités physiques et sportives dans la construction de l'« atypicité » scolaire**. Thèse de Doctorat, Orsay, Université Paris Sud-11, 2010.